



S. M. VICTOR MANUEL REI DE SARDENHA.

Vol. V. — 3ª. SERIE.

April 26, 1866.

C. M. L.  
 GABINETE  
 DE ESTUDOS  
 OLISIPONENSES

## S. M. VICTOR MANUEL, REI DA SARDENHA.

Os estados sardos compõe-se dos territorios dos duques de Saboya, donde se deriva a casa reinante, da antiga republica de Genova, do principado do Piemonte, e do condado de Nice, no continente, e da ilha de Sardenha ao sul da Corsega no Mediterraneo.

O primeiro rei de Sardenha foi Victor Amadeu, 2.º do nome, 33.º conde e 13.º duque de Saboya, o qual tendo obtido pelo tratado de Utrecht, firmado a 13 de julho de 1713 e cessão de Philippe 5.º de Castella, o reino da Sicilia, largou este, pelo tratado da quadrupla alliança assignado em Londres em agosto de 1718, ao imperador Carlos 6.º, que o investiu de posse da coroa da Sardenha logo no mesmo anno: governou 12 annos até que em 3 de setembro de 1730 abdicou solemnemente de todos os seus estados a favor de seu filho, o principe do Piemonte Carlos Manuel, 2.º d'este nome na Saboya, nascido a 27 d'abril de 1701.

A illustre casa de Saboya começou a ter dominio soberano em o primeiro quartel do seculo 11.º, derivando-se dos nobres condes de Maurienne, sujeitos precedentemente aos reis das duas Borgonhas, e que foram em 1027 condes de toda a Saboya por concessão do imperador Conrado por antonomasia o *salico*, mais tarde em 1091 reuniu-se-lhes o condado de Suze, depois Turin (hoje capital do reino) e tiveram tambem o cargo de logar-tenentes do imperio no Piemonte e Lombardia.

Morrendo sem descendencia em 1285 o conde Philippe, dividiu-se em tres ramos a casa de Saboya, representados por tres sobrinhos d'este e denominados, de Vaud, do Piemonte e de Saboya; a primeira d'estas linhas collateraes deixou de reinar em 1359 e a segunda em 1418; a terceira teve por tronco Amadeu 5.º cognominado o *magno*, e continuou successivamente nos dois filhos d'este e no neto Amadeu 6.º até o 8.º do mesmo nome que foi creado duque pelo imperador Sigismundo em 1416, e que reuniu a coroa ducal o outro ramo denominado de Piemonte.

Amadeu 8.º parece ter sido predestinado para abdicar. Por contratempos e desgostos que soffreu recolheu-se com alguns cavalleiros ao convento de Ripaille, onde tomou o habito de eremita, d'ahi o foram tirar os prelados do concilio de Basilea, que o elegeram papa sob o nome de Felix 5.º em 1439 em contraposição ao pontifice Eugenio 4.º; abdicou então formalmente a coroa da Saboya; porem no anno de 1449 renunciou voluntariamente para fazer cessar o scisma a tiara a favor de Nicolau 5.º, o qual não só approvou todos os actos de Amadeu nos nove para dez annos que governára, mas lhe conferiu altas dignidades ecclesiasticas e grandes prerogativas. É o ultimo que figura no catalogo dos antipapas; e foi o instituidor da ordem de cavallaria de S. Mauricio.

Continuou a successão na mesma linha até Victor Amadeu, primeiro rei como já dissemos, e os monarchas seus direitos descendentes até Carlos Felix, que morrendo em 1831 sem posteridade deixou a corda a Carlos Alberto, que falleceu em a nossa cidade do Porto, e que pertencia á linha collateral de Saboya-Carignan, que procede de Thomaz Francisco, principe Carignan, quinto filho de Carlos Manoel 1.º do nome como duque de Saboya, e que floreceu no seculo 17.º com fama merecida de official intelligente e valoroso, tendo chegado ao posto de generalissimo dos

exercitos reunidos de Franca e Saboya nas campanhas d'essa epoca na Italia. Toda esta familia em seus dois ramos illustrou-se sempre pelas armas: e ao de Carignan, ora reinante, pertenceu o famoso capitão, principe Eugenio.

O rei Victor Manuel 2.º, que actualmente governa é digno da estima de seus subditos e dos elogios que a Europa lhe tem tributado. M.

## VIAGEM AO MINHO.

## CAPITULO XII

Estilo parlamentar. — O Cemiterio. — Vizão? Fantasma? Nem vizão nem fantasma, realidade mais terrivel! com perdão do meu amigo Mendes Leal Junior. — Ella! — A paixão no cemiterio.

Um deputado da nação portugueza escreveu, não sei aonde *que a vida é triste como uma lagrima, e alegre como um sorriso*. O que é ter estilo parlamentar! Podem semear-se d'estas flores de rhetorica pelo meio do paiz, e tem-se a certeza de ficar no parlamento — de — *pedra e cal*. — Seguindo o exemplo d'esse illustre deputado, que principiava assim uma das suas mais recentes e mais vagas publicações: Anoutecia o dia 12 de tal. . . » Imitando tão digno exemplo eu podia começar tambem este capitulo dizendo que amanhecia a noute; mas como não tenho ambição de estilo parlamentar, por que não sou deputado, direi simplesmente que estavamos n'um dia de setembro.

Eu amo o mez de setembro!

As suas tardes são as mais amenas, quando não ha calor nem frio, em setembro começa a cair a folha das arvores; o milho está maduro e o outono bate a porta.

O verão despede-se, e o hynverno ameaça-nos de longe.

A cigarra canta desceidada e alegre, em quanto a formiga acárreta grãos para os seus celeiros.

As aves principiam as suas emigrações, e os cães ladram á lua.

O mez de setembro é um mez triste para os amores nascidos longe do ruido das sallas, ao sol esplendido do verão!

Mas o mez de setembro é propicio á paixão que se gera no cemiterio, á sombra do cypreste.

A que cemiterio me heide encaminhar? Ao da Lapa não, que tem ares d'uma sala de baile onde dançam os cadaveres a horas mortas da noute!

Ao Prado do Repouso? A esse vamos. — Prado do Repouso! Deve ter sido um poeta quem o baptizou. Em Lisboa termos o cemiterio-dos-Prazeres, seria um philosofo, um critico, ou um amante quem lhe deu este nome? Quererá dizer que ali se interram os prazeres? ou é um epigramma feito á morte? Não, nada d'isso. Foi um amante sentimental, um amante dos tumulos, o precursor do romantismo que lhe deu o baptismo da sua religião! Comprehendia o prazer do amor no cemiterio e chamou-lhe cemiterio dos Prazeres. Como se descobriria esta grande verdade sem o auxilio da logica? Que grande coisa é saber logica!

Eu te saúdo, Prado do Repouso! Se aqui repousará tranquilo quem te chamou logar de repouso? A sua vida foi de certo agitada pelas tempestades humanas, e elle julgou que só a morte dá o verdadeiro descanso. . . ao corpo. A alma, quem sabe? Paz aos mortos e á methaphysica. Penetremos nos logares mais sombrios, e vamos *a la recherche de l'inconnu*.

A minha alma dilata-se no meio d'estas campas! O meu espirito abraça a cruz de pedra e os cimos dos cyprestes! O meu coração bate. . . . Vizão? Fantasma? . . . Pareceu-me ver uma figura de mulher acria esvoaçando entre dous tumulos! Apressei o passo; chego á volta d'uma rua; ah! Nem Vizão, nem Fantasma, realidade mais terrivel! — Peço perdão ao meu amigo Mendes Leal, por lhe roubar estas palavras aos seus *Dous renegados*. Não pude resistir á tentação, e o illustre poeta não fica mais pobre por isso. — Não era com effeito visão nem fantasma: era realidade mais terrivel o que eu via. A seis passos de mim estava uma mulher ajoelhada nos degrãos de um tumulo, com os olhos na columna partida em que este rematava. Teria vinte a vinte e quatro annos; a sua figura, destacava-se do meio da campa como a imagem da Virgem Dolorosa! Não era assim que eu tinha imaginado a mulher sentimental; as suas faces tinham uma palidez mais branca do que a cera; os labios eram menos descorados e os olhos de um azul vivíssimo, porém immoveis. Estava vestida de branco, tinha a cabeça descoberta, e os cabellos louros, soltos de um lado, cahiam-lhe parte sobre o hombro esquerdo e parte sobre a face. Bella, de uma belleza angelica! havia o que quer que fosse de inspirado e de serafico na sua fisionomia! Parecia orar, mas os seus labios não se descerravam, e os olhos continuavam fixos no pedaço de columna quebrada, symbolo da vida que a morte espedaçara. Um grande chaile de Tong-King branco estava no chão, do lado de traz, e parecia ter-lhe cahido dos hombros sem ella o sentir. Tão profundo me pareceu o seu recolhimento, que tive medo de o quebrar, e não me atrevi a mover do lugar onde me achava. Ella de certo me via, mas o seu pensamento estava n'outra parte e não fazia reparo na minha presença. Estivemos assim cinco minutos; eu principiei a comover-me deveras diante de tamanha dor, e senti uma lagrima correr-me pelas faces. Tive vontade de me ajoelhar a seu lado e pedir a Deus sem saber por quem. Passavam mais cinco minutos; ella sempre immovel, sem chorar, sem orar! . . . Que dor! dor que não deixa sahir as orações nem as lagrimas deve ser tremenda! Retirei-me nas pontas dos pés, e fugi pelo Cemiterio fora sem olhar para traz.

Perdi repentinamente o appetite de me apaixonar, ou de inspirar paixões, sobre tudo nos Cemiterios! Recuperei o meu senso commum, (o leitor deve ter adivinhado que eu o tinha perdido,) e a saude, pois comecei a comer e dormir como antigamente. — Mas n'este mundo de misérias ninguem pode contar com o dia de amanhã por que o homem põe e Deus dispõe.

Quatro dias depois do incidente do Cemiterio, veio-me um desejo irresistivel de lá tornar. Fui. Apenas entrei, insensivelmente me dirigi pela mesma rua que da primeira vez. Quando ia a passar pelo sitio onde vira a vizão, como eu lhe ficava chamando, voltei-me por curiosidade e estaquei. Ella estava no mesmo lugar e na mesma actitude! Parecia que se não tinha movido! O cabello ainda solto e o chaile sempre no chão! Apoderou-se de mim um terror vago e supersticioso; seria uma estatua? ou um cadaver? Quatro dias na mesma posição! sem comer, sem dormir, immovel sempre! É impossivel! Deve ser uma estatua; a estatua da belleza talvez junto á columna partida. Que significa? Não sei. — Esperei cinco, dez minutos como ha quatro dias, que ella fizesse um movimento. Nada! Quiz fugir; mas por que? de que? ás seis horas da tarde! . . . Aproximei-

me bruscamente, fazendo bulha para lhe chamar a attenção; não se moveu! Comecei a ter medo. Achava-me ao pé d'ella e não a sentia respirar olhei para o chaile que tinha aos pés, e pareceu-me de pedra! Estendi o braço com uma convulsão nervosa e puz-lhe a mão em cima. Era um chaile verdadeiro. Levantei-o sem saber o que fazia, e estendi-lh'o nos hombros. Ella tinha as mãos entrelaçadas uma na outra, mas descahidas sobre os joelhos. Sentindo a minha acção estremeceu toda, como se fosse tocada pela machina electrica. Desprendeu as mãos e voltou o rosto para mim com uma lentidão que me fez estremeecer tambem. Cravou nos meus os seus olhos immoveis e de uma limpidez sublime. Eu não profere uma palavra, não fiz um gesto mas custava-me a suportar o seu olhar. Havia n'elle não sei o que do tumulo, da cruz e do ceu, que me perturbava, e me fascinava ao mesmo tempo. Depois de alguns segundos os seus labios moveram-se e dilataram-se por um sorriso de profunda melancolia. Parecia o nascer do sol n'um dia de trovoada. Foi um sorriso que me deu vontade de chorar. Seria um agradecimento ou uma reprehensão que significava aquelle sorriso? Quem o poderia adivinhar nos seus olhos fixos? Pôde algum ler no azul dos ceus os pensamentos de Deus? — Ella ergueu-se lenta e solemnemente; lançou para os hombros os cabellos que ainda tinha soltos d'um lado da face e encaminhou-se para a porta do Cemiterio. Eu deixei-me ficar immovel, sem vontade, sem acção, sem força de a seguir. Quando me voltou o instincto ella tinha desaparecido. Quem era, por quem soffria, por que vinha ali sosinha? Tão formosa, tão moça e tão triste! Possuía todas estas qualidades para me fazer trabalhar a imaginação activamente. O vago e o desconhecido eram as grandes alavancas da minha curiosidade.

No outro dia voltei ao Prado do Repouso; ella estava de pé junto ao mesmo tumulo, com o mesmo trajo, e o chaile nos hombros. Era claro que vinha ali todos os dias: os cabellos do lado esquerdo tambem as não atava nunca! Porque? Que misteriosas causas a obrigavam a semelhante estravagancia? . . . Desta vez encarou comigo, e tornou a sorrir com aquelle seu riso triste, que me provocava lagrimas. Passado o sorriso caíu na mesma immobilidade e readquiriu a belleza angelica e suave que lhe dava as apparencias de uma virgem. O riso parecia uma convulsão da sua alma que se tornava tempestuoso pelo supremo esforço com que subjugava a dor para mostrar alegria nos labios. A sua organização delicada irritava-se e por isso o riso a tornava menos bella. Como quer que fosse, eu preferia que ella se não sorrisse. — Cheguei-me a ella e comprimentei-a mas não me correspondeu. Não viu talvez, ou não desejava ser perturbada nas suas meditações. Retirei-me a alguma distancia, donde a podia ver sem ser visto. Ella procurou-me com os olhos, e não me vendo arredou-se um pouco do sepulchro, continuando a procurar-me. Apareci de longe, como por acaso, ella avistou-me e foi ajoelhar no degrau do tumulo, de modo que pudesse continuar a ver-me. Ali ficou mais de tres quartos de hora ajoelhada, volvendo de vez em quando o rosto para mim, que não me arredei, nem deixei um instante de a contemplar. No fim d'este tempo quiz aproximar-me, porém ella, fazendo pela primeira vez, á minha vista, um movimento menos lento, ergueu-se de repente; voltei ao meu lugar e vi-a ajoelhar de novo. As seis horas e meia levantou-se contemplou-me alguns instantes, e dando-me outro sorriso dirigiu-se para a porta do Cemiterio. Oh!

d'esta vez heide seguila, e saber a sua historia! Parti immediatamente, porem chegando á porta ella voltou-se, e vendo-me na intenção de a seguir estendeu para mim as mãos suplicantes e parou. Avista do seu ar mortificado comprimiu-se-me o coração: fiz-lhe uma profunda inclinação e interreime nas ruas sombrias do Cemiterio. Quando sahi já não a encontrei.

Eis-me em fim apaixonado! Não sei se por compaixão ou por curiosidade... o certo é que todos os dias á mesma hora vou ao cemiterio e ali encontro, sempre bella e sempre triste, a minha desconhecida. Ha' oito dias que vou collocar-me junto do mesmo cypriste com os meus olhos fitos nos olhos d'essa mulher que vejo ajoelhada sobre a sepultura, talvez de um amante. E ella não chora, nem reza nunca!... A sua dôr é toda intima e deve ser immensa. Eu desejo conhecer a causa d'ella, mas não me atrevo a fallar-lhe. Ha não sei o que de misterioso no seu rosto descorado que me impõe silencio, que me impede até de a cumprimentar quando nos encontramos! E amo-a, será amor isto que sinto? Dizem que o amor é á alegria da vida e eu tenho lagrimas nos olhos!... — Elle tambem me ama... um dia em que vim mais tarde encontrei-a á porta do cemiterio olhando avidamente para o sitio d'onde me esperava; e quando appareci soltou um grito de alegria. Foi a primeira vez que ouvi o som da sua voz, um som extranho na verdade! Depois seguio para junto do seu tumulo e eu fui para o meu posto.

Não sei quem ella é, onde nem como vive; e se tento acompanhá-la quando se retira, volve para mim os olhos supplicantes! se me aproximo do sepulchro onde está ajoelhada parece que lhe inspiro terror, e todavia conheço que a minha presença lhe é agradável! Quando não a vejo tenho saudades d'ella, mas tendo-a diante de mim o meu coração comprime-se. Não era assim que eu tinha imaginado o amor no cemiterio! Não sei que voz occulta me annuncia que hade ser fatal o desenvolvimento d'esta aventura.

#### CAPITULO VIII

Como o riso faz lagrimas. — Verdade do coração, mentira da razão. — Chorava o céu e a terra!

Chegou o momento da minha partida para o Douro. Partir! quem havia de conduzir o meu corpo se me ficava a alma no cemiterio de Prado do Repouso! Eu não podia já passar um só dia sem ver a minha *virgem dos tumulos*. Era este o nome que lhe dava a minha presumpção poetica. Quem teria coração de dizer-lhe adeus, não podendo estar vinte e quatro horas longe d'ella? uma vez convidaram-me para um jantar e ás cinco horas da tarde estavamos á meza; era a minha hora habitual de ir ao cemiterio e resolvi não ir n'aquelle dia. De repente senti um estremeamento e comecei a ver diante de mim, tão visivel como se realmente ali estivera a imagem d'aquella mulher. Na occasião em que eu punha á boca um copo de champagne vi-a estender os braços para o meu lado e deixei cahir o copo, levantando-me da meza. « — Que é? que tem? — » — Nada, uma dôr de cabeça; isto passa-me tomando ar. E sahi para a rua. Sentia na atmosfera a acção magnetica, a força de uma vontade de ferro que me arrastava. — Não, não! esclamei, não vou; não quero! — Quer me acreditem quer não; eu bem sei ao que se expõe quem imprime o seu coração para o vender a um jornal a tanto por columna, mas a verdade é que n'aquelle instante, e muito longe do cemiterio, eu via claramen-

te aquella mulher com os braços estendidos para mim! As extremidades dos dedos das suas mãos deitavam correntes de luz electrica — Nos seus labios não havia o sorriso com que sempre me acolhia e os seus olhos tinham lagrimas! chorar! Pois ella chora finalmente!... O meu peito arquejava com violencia e fazia-me curvar para o lado do Prado do Repouso. Achava-me positivamente sob a influencia poderosa da sua vontade, mas tentava resistir ainda. Separavam-me do cemiterio muitas ruas e muitas cazas; voltei-me para outro caminho e comecei a caminhar ao acaso e rapidamente. Os sitios por onde passei não os tinha visto nunca e não me lembro d'elles; mas sei que andei muito, e no fim de uma hora, extenuado de fadiga e de febre, achei-me á porta do Prado do Repouso. — Como e por onde fui sabe-o Deus!... Ella estava á porta, anciosa, e extenuada tambem, talvez pelas forças que tinha dispendido para me atrahir.

Quando me viu deu um grito de alegria; o som da sua voz pareceu-me ainda mais extraordinario do que da primeira vez! Nos seus labios raiou o sorriso do costume, o riso que me fazia tristeza; e a distancia um do outro nos encaminhámos em silencio para os nossos logares habituaes.

— Isto hade acabar hoje, pensei eu comigo; e uma aventura que pôde vir a saber-se e cobre-me de ridiculo. Alem de que eu devo partir depois de amanhã... ou heide agora saber porque não parto. — Deixei-a ajoelhar e aproximei-me lentamente. Ergueu-se logo apenas me viu encaminhar para ella; era o costume e eu já esperava por isso, mas não estava resolvido a respeitar por mais tempo os seus misteriosos caprichos. Como a sua vista me infundia melancholia nunca me tinha sorrido para ella; desta vez, porem, fiz um esforço e cheguei-me rapidamente. — Eu vou partir... — Ella ia já precipitar-se a correr para a porta do cemiterio, mas suspendeu-se ouvindo as minhas primeiras palavras. Era a primeira vez que me ouvia a voz. — Sem olhar fito para o seu rosto prosegui. — Depois de amanhã vou-me embora... ha vinte dias que venho aqui por... para... ha vinte dias que a vejo ajoelhada ao pé d'aquelle tumulo, e... a sua dor inspira-me sympathy... quem está alli enterrado?..... — Eu tinha abaixado os olhos a pouco e pouco para poder ter animo de falar; mas como não recebia resposta suppuz que ella se tinha retirado e o despeito dominava-me já quando ergui a vista. Mais branca do que os marmores que a rodeiavam, de pé, com o corpo inclinado e a cabeça pendida para o meu lado ella estava na posição de quem escuta. Passou mais de um minuto sem que eu a visse mudar de attitude, como se estivesse ouvindo ainda distante os sons das minhas palavras. Depois chegou-se a mim e pegou-me em uma das mãos que eu lhe abandonei com certo estremeamento de terror. Cravou nos meus os seus languidos olhos e murmurou: — « Partir! Depois de amanhã vou-me embora..... a sua dor inspira-me sympathy... quem está alli enterrado? — » Retirei precipitadamente a minha mão d'entre as suas e recuei dois passos. Porque repetiu ella as palavras que eu lhe tinha dito? Que significava tudo isto?... — um clarão terrivel passou pelo meu espirito! olhei para os seus olhos immoveis, e só então advinhei a verdade! A minha perturbação augmentou vendo-a aproximar e estender-me outra vez a mão. — « Partir! » — Nos seus labios raiou um sorriso mais triste, mais profundo, e mais longo do que os anteriores! Eu não pude conter as lagrimas que

me rebentaram dos olhos. — Louca! uma louca!... Tão moça, tão formosa, e louca!... — Ella começou a chorar também; era a primeira vez que isso lhe succedia diante de mim. Pobre anjo! Oh! senhor, não serias tu rigoroso demais na tua justiça? Louca! meu Deus, não era melhor leval-a para o céu do que deixal-a no mundo a perigrinar sem saber o seu caminho? Deus de misericórdia, a loucura é um castigo excessivamente pesado para a fragil humanidade!.....

— Adeus — disse eu retirando de novo a minha mão, adeus pobre martyr! Nem te resta ao menos a consolação do affecto!... adeus.

Adeus? — repetiu a infeliz, mas agora não foi como ao principio o echo das minhas palavras; antes pareceu comprehender a idéa de nos separarmos! Eu dirigi-me para a porta com o coração oppresso de dor, e volvendo-me por vezes para dizer-lhe adeus. Proximo á saída ouvi-a gritar e vi-a correr para mim, exclamando: — Partir!... adeus... não, não, não... — E tentava arrastar-me outra vez para junto do seu tumulto, ao mesmo tempo que chorava e soluçava repetindo: — Não, não, não, adeus... — Era a luta do coração e da razão; o coração dizia-lhe que me não tornaria a ver; fallava-lhe verdade porque o coração nunca mente; e a razão mentia-lhe, porque a razão mente sempre que o coração fala. O pressentimento vencia de vez em quando a loucura, invocando toda a energia do affecto que nascera do habito da convivencia, e que a separação mataria; mas a razão que é quasi sempre o que não querem que ella seja — a loucura — não deixa senão gelo por onde passa, e ou mais ou menos todos somos suas victimas. A formosa louca perdeu logo os rapidos momentos de lucidez affectuosa que tivera, e deixou-me partir. Profundamente magoado cheguei a casa e não sahi da cama tres dias. Ao quarto voltei ao Prado do Repouso.

Eram seis horas da manhã; o céu estava enevoado; fui direito ao lugar favorito da minha triste amiga e estaquei em frente do tumulto. No primeiro degrau estava ella deitada ao comprido, com a cabeça pousada sobre o chaile de Tong King, e as mãos cruzadas no peito; os olhos abertos, mas embaciados, pareciam ainda contemplar o troço de columna com que arrematava o tumulto! Tinha o cabello estendido pelos dois lados da face deixando-a descuberta. Chamei-a umas poucas de vezes mas não se moveu; aproximei-me para a contemplar mais de perto, e notei que o seu rosto estava coberto de gotas de orvalho. Ajoelhei-me e peguei-lhe em uma das mãos. Sentindo-a fria como neve, procurei-lhe o pulso e não o senti bater. Appliquei o meu ouvido sobre o seu coração e achei-o mudo. Puz os vidros da minha luneta sobre os seus labios e os vidros não se embaciaram! — Levantei as mãos e orei com fervor. As minhas lagrimas correram impetuosamente sobre os seus cabellos. Olhei em torno de mim e não vendo ninguem, beijei cheio de respeito e de piedade as extremidades dos dedos da sua mão direita; depois levantei-me e apanhando umas poucas de flores fiz uma coroa e cingi-lhe a fronte com ella, prendendo-a nos seus cabellos. — O céu coberto de nevoa chorava sobre ella gotas de orvalho; os chorões e os cyprestes, saccudidos pelo vento, vinham confundir as suas lagrimas com as minhas. Parecia que o céu e a terra sentiam aquella morte! Porém os anjos deviam cantar na gloria, veudo tornar ao seio de Deus um de seus companheiros que tinha vindo ao mundo.

Procurei o guarda do cemiterio e indicando-lhe o

cadaver, perguntei-lhe se sabia quem era. O pobre homem quando a viu ia morrendo de pena. Era filha de um seu antigo camarada e havia enlouquecido no momento em que soube a morte de seu noivo. — É tempo de acabar com tristes recordações, e vamos deixar o Porto por alguns dias. Estou ansioso por me ver longe d'aqui: os cavallos estão á porta e as malas nas garças. Vamos entrar nos sertões do meu paiz. — A caminho!

(Continua)

F. GOMES D'AMORIM.

### O MARINHEIRO.

Para adormecer n'um rio,  
Junto aos pés d'uma cidade,  
Não foi feito o meu navio  
Que zomba da tempestade.  
Leva as anchoras! desferra!  
Larga, larga, deixa a terra:  
Iça longo e sem parar!  
Fóra sobres e cutelos!  
Uma talha aos enderbelos...  
Anchora toda a beijar!

Larga, essas vellas de proa!  
Gavia grande, todo o pano!  
Meu navio é uma C'roa  
Sobre a fronte do oceano.  
Eu sou rei, aqui domino:  
A estrella do meu destino  
Só no mar brilha feliz.  
Quando sopra o vento forte,  
Seguindo sempre o meu norte  
Que me importa o meu paiz?

Onde nasci?... não o digo,  
Por que não o sei ao certo;  
Quando busquei um amigo  
Achei o mundo deserto...  
Só tive contentamento,  
Quando ouvi a voz do vento  
Nas galias a sibilar;  
Quando, sem medo ao perigo,  
Tive as nuvens por abrigo,  
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas  
Dos meus rudes companheiros;  
Mas tomei amor ás vagas  
Na furia dos aguaceiros.  
Se á rouca voz da tormenta,  
Vinha a onda turbulenta  
Quebrar dentro do convez;  
Eu pasmado a contemplava,  
A vista me fascinava  
O abismo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,  
Solto o cabello na fronte.  
Os meus braços estendia  
Para a curva do orizonte.  
Sempre de pé na coberta,  
Sobre a abobeda dezerta  
Advinhava o tufão;  
D'olhos no tope dos mastros,  
Apreendi a ler nos astros  
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro  
Que chegasse a ter a idade!  
A escola do marinheiro,  
É a voz da tempestade.  
Oh! do leme, contro! arriba! —  
Folga a bujarrona, e giba!  
Larga as bolinas de ré!  
Carrega a Draiwa e traquete!  
Ala velacho, e joanete,  
Vá de longo! bate o pé

Temos vento Les-Nord-Este,  
Já vai o cabo dobrado.  
Faz proa de sueste;  
Aguenta o leme! cuidado. —  
Passa talha na retranca.  
Olha a escota! volta franca!  
Arria mais... devagar...  
Volta! volta. — sete e meia..  
O vento não escaceia;  
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares,  
Meus campos estes banzeiros,  
Este navio meus lares,  
Minha familia os pampeiros!  
Diz-me a voz do cataclismo,  
Que dormirei n'este abismo  
Aos echos do temporal:  
Envolvido n'estas vellas  
Como o anjo das procellas,  
Ou como o genio do mal!

Com furia o mar se alevanta  
E ás nuvens cuspindo a vaga  
Pela tremenda garganta,  
O laes das vergas alaga!  
O espaço todo se aballa,  
Se o trovão rugindo estalla  
E o raio lança dos ceus:  
Mas o navio não treme,  
Que a minha mão vai no leme,  
E sobre ella a mão de Deus.

Corre meu fino velleiro,  
Até que no ceu se apague  
A estrella do marinheiro:  
Depois que a onda te esmague:  
Que venha atravez do espaço,  
Do senhor o occulto braço  
Tuas pranchas deslocar:  
Tu és da terra inimigo,  
Por isso virás comigo  
Dormir no fundo do mar.

Pessoa de Varzim 1852.

F. G. DE AMORIM.

A astucia dos litigantes, as tricas dos advogados, as suggestões da amizade, e do amor, e o attractivo do ouro, são inimigos da probidade do magistrado: com sciencia vence os primeiros; com firmeza os ultimos.

A graça, que perdôa aos criminosos, mas não esquece inteiramente o crime, poderá ter o nome, mas nunca a natureza de amnistia.

## A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

IV

*Se Deus quizer!*

Pois o paiz da malicia, que bem sabe  
O poder de taes armas perigosas,  
..... enfia-se  
No papo d'um falcão dos da cacada:  
E o falcão, que ficou, como lá dizem  
C'o diabo no corpo, larga o paio,  
E desanda a voar por esses ares:  
GARRETT. D. BRANCA. Canto V.

Que é da tua justiça? — Porque dormes,  
Porque dormes, senhor? . . . . .  
E tu deixaste triumphar seu crime!  
GARRETT. JOÃO MINIMO. XXXIV LIRIC.

Em quanto na salla d'armas, o monge e os dois cavalleiros, em voz baixa, concluíam as dolorosas confidencias, que exposémos no capitulo antecedente, no andar de baixo do castello occorria uma scena digna do pincel de um satyrico.

Dous dos officiaes *palatinos* do alcaide, um jubilado nas artes da caça das aves, e o outro não menos instruido nas astucias e ciladas do monte, travaram renhida contenda, disputando competencias, e despedindo injurias com o aprumo rethorico de dous oradores insignes, enlaçados em pugilato tribunicio para recreio e espectaculo, das galerias de uma camara.

As duas importantes figuras, que vamos introduzir, pedindo a devida venia ao leitor, altercavam com os punhos cerrados, com os olhos como duas brazas, e com as faces azezas no meio de uma roda de serviçaes e homens d'armas, plateia ruidosa, versatil e parcial, que ora batia as palmas a um, porque desatára a affronta mais beçal, ora chasqueava com risos e silvos o outro, porque não respondia com a prestesa precisa e no estylo requerido.

Ardia, pois, a discordia no campo de Agramante, e os representantes da furiosa deusa, cada vez mais irados promettiam saboroso pasto aos curiosos, que os escutavam com o maligno prazer, que sempre causa aos inferiores a queda, ou o desaire dos que estão acima d'elles, e que a inveja, ou a consciencia accusam de não merecerem a elevação.

A origem da disputa entre os dous personagens fôra panica e insignificante, como usualmente acontece.

O dialogo principiára ameno e amigavel, aquecera a pouco e pouco, e por fim converteu-se na mais desgrenhada verrina, sem que ambos, sendo perguntados, podessem explicar o motivo, depois de acalmados.

O mutuo ciúme, que os dividia em segredo, e a rivalidade occulta, assopraram a faísca imperceptivel, e levantaram o incendio!

Homens como mestre Pero Voador, e mestre Martin Lebreu, oppostos em artes, em geitos, e em inclinações, ou se abraçam em estreita amizade, olhando com dó para o resto dos mortaes, ou se aborrecem com odio figadal, esperando a occasião propicia de se dilacerarem.

Um mandava na terra, e Deus sabe com que soberba e rigor; o outro imperava nas alturas, e regia com mão severa a tribu indisciplinada dos falcões, nebris e gerifaltes, triumphando com as victorias dos

seus alumnos, e magoando-se com as faltas, como proprias, se algum as commettia.

Martim Lebreu, (appellido ironico em desproporção formal com a pessoa) Martim Lebreu de curta e roliça estatura podia comparar-se ao imperador Vitelio na opulencia das roscas e do ventre, e no appetite esfaimado, com que cevava a gula.

Creado no solar de Cham desde creança, tinham-lhe nascido os dentes, como elle dizia imaginosamente, no covil dos galgos e alões, que seu pae administrava com a justiça de um patriarcha hebreu: e succedendo-lhe n'este vice-reinado importante, com direito de *trella* e *cutello*, formava de si e das suas funcções a mais exagerada e exaltada opinião.

Na adua, assim se denominavam então os seus dominios, os mocos de monte e os cães, tinham-se costumado á mais prompta e passiva obediencia.

Diante da voz rouca do ministro omnipotente os homens e os galgos sumiam os ganidos e os rosna-dos, e alguns levavam até o heroismo ao ponto de simularem jubilo e affeição.

É verdade que Martim Lebreu possuía uma receita infallivel para convencer os recalcitrantes.

Nas suas horas negras e atravessadas o digno monteiro em chefe era sujeito a certos enthusiasmos bachicos, e estes de ordinario resolviam-se em um chuveiro de pragas e de correções prosabias com a alentada haste de qualquer venabulo.

Desgraçado homem, ou animal, o que aparava a tormenta; saía d'ali em lençoes de vislo!

Tirada tão leve pecha, mestre Lebreu julgava-se a melhor creatura do mundo, e assim o affirmava aos seus vassallos com sublime persuasão. Já se vê que muitos haviam de ser de voto contrario, mas callavam-se por prudencia.

Se estas prendas não douravam o caracter do honrado Pero Voador, e se o seu imperio se reputava mais humano e acessivel, talvez a culpa não fosse da pessoa, mas das cousas.

Esguio qual cipreste, e ornado de um nariz pendente, que lhe dava sombra a metade do rosto como um chorão, visto de noute, e a luz incerta, podel-o-iam tomar por algum vampiro fugido do cemiterio.

O sorriso vaidoso stereotypado nos beiços sumidos, espraiava-se-lhe pelas faces escaveiradas, e em vez de alegrar a phisionomia do morcego venatorio, compunha um não sei que de lugubre e de brutesco, ao mesmo tempo, que ninguem pela primeira vez ousaria contemplar sem prerromper na mais sincera gargalhada.

Apezar da cara que o ajudava pouco, e da figura, que se ja estivesse inventado o magrissimo cavalleiro da Mancha, lhe podia disputar a primasia, mestre Pero passava por bom homem, por mais liberal, do que soffrego, por mais valedor, do que malfazejo.

Todos os seus affectos se reduziam e sommayam no ensino e mestria dos falcões entregues aos seus cuidados, levando a ternura, ou a demencia ao ponto de cair de cama por lhe morrer um açor prima, seu valido.

É verdade que seculos depois a demora de uma carga de pescado custou a vida á flor dos cosinheiro, ao nunca assaz chorado Vatel, de gulosa e heroica memoria!

Dadas as noticias indispensaveis para ajuisarmos dos dous arguentes, antes de os avistarmos, entre-mos sem ruido na casa terrea, aonde o mais avesso acaso os ajuntou, e escutemol-os desde as phrases, em que nos interessam.

Mestre Lebreu, sentado em um escaño, com um prato bem provido deante de si, e uma cuia do melhor vinho da adega ao lado, com a bocca meia cheia mastigava as palavras com os alimentos; e percu-tava ao seu rival, sentado defronte em outro escaño: — «E foi isso?...»

— «Cousa de dous tiros de béstia para li da emida. Dous cavalleiros mocos e obra de dez, ou doze homens d'armas.»

— «Hum! espirrou o douto professor de caens, mastigando sempre, e regando a miudo o estomago de copiosas libações. Hum! E dizeis, que sobre vos tirarem o açor á força, juravam que haviam de desafiarse para se matar com elles ao nosso alcaide D. Ruy Viegas?...»

— «E por signal, acrescentaram os caens malditos, acudiu Pero Voador alevantando-se, que o repto seria a todo o transe, e sem mercè nem misericordia!»

— «Vozes de asno não chegam ao ceu! «observou philosophicamente o monteiro, inclinando a cabeça para traz, e apoz a cabeça inclinando a cuia de vinho, que instantes depois assentou secca e exotada em cima da mesa, soltando um suspiro.»

— «Chegue, ou não, atalhou o seu emulo, fran-sindo os cantos da bocca, e estirando a eterna pes-soa, o caso é que estarão connosco amanhã; e sem misericordia peço eu a Deus, que elles achem a D. Ruy Viegas, porque seria pena, que tão ruins lad-rões, que nem perdoam ás aves, saíssem vivos e in-teiros do castello.... Dôr de morte os consumma, e mais aos cascaveis de Galaor! Se não tenissem tanto não davam connosco!»

— «Meu amigo, disse Martim Lebreu cheio de magestade, e crusando a perna, quem a toda a caça se lança, nenhuma alcança! Vede o que é o fado! Tornaveis já de volta com o vosso açor em punho...»

— «Senão quando me saltam os milhanos, e m'os empolgam! Triste Galaor, eras a flor! o brio dos meus açores! Nenhum dos outros te chega nem as pennas! Tinha de ser!.... Sabeis que mais Martim Lebreu? Antes os dentes da vossa matilha me atassalhassem, antes me desfizessem saio e capa, apezar de serem de panno verde de Ippe, de onze solios brancos o covado!...»

— «Foi praga que vos rogaram! disse enfundando-se, e enchendo pela terceira vez a sua cuia o repolhudo e insaciavel Martim Lebreu. Não tomeis o caso a peito, Pero Voador. Tudo se remedeia, menos a morte. Enchugai-me uma vez de vinho, e dai-me depois recados da vossa magua. Ha de passar, ha de passar!» e o illustre rival de Sileno, ria-se por entre os dentes, batia o pé em ar de escarneo, e repicava com os dedos sobre o volumoso ventre, como se tocasse em cima de um tamboril.

— «Ha de passar! ? repetiu o lacrimoso falcão escandalizado com a palavra, e mais ainda com o tom em que fôra dita. Dai-me cinquenta nebris, ou gerifaltes novos, e vede se lhes peço, ou se os troco por Galaor?»

— «São contos largos, que não me aquentam nem arrefentam. Quanto menos das taes molinas aves por cá andarem, melhor! Ainda se fosse o meu alão *Bravór!* Mas esse não tem perigo. Tudo vai do ensino.»

Uma granada, que rebentasse a seis pés não sobressaltaria mais o honrado Pero Voador, do que esta allusão á queima roupa.

A palavra *ensino*, lançada com mofa pelos beiços gordurentos do monteiro, o seu interlocutor deu um pulo como se o tivessem picado com o ferro de um

lança; e ao passo que desenroscava p̄r dobradiças a terça parte, até ali encolhida, da sua estensíssima pessoa, estalavam-lhe os ossos das articulações, e rangiam, como se um verdadeiro esqueleto saltasse e se movesse.

— «Do ensino!? exclamou tornando-se livido, e estendendo um braço, que promettia continuar indefinidamente se não encontrasse a parede. Do ensino!? repizou meia oitava acima, e dardejando sobre o aggressor a luz chamejante de dous olhos encovados, mas fuzilantes. Dous pares de falcões tenho agora em criação, e outros dous ao vôo no campo. Vejam-os! Sobem direitos contra a relé, sem fazerem pontas, e remontam-a que é um primor; e assim mesmo nenhum chega ao aqor, que eu perdi. Ensino!? Ponde os olhos em vós, que não vos falta que emendar. É uma vergonha para o nosso alcaide o modo por que trazeis esses galgos e sabujos, esfaimados e damnados... Mas não admira. Aprendem as manhas do mestre.»

— «Ó lá dom sandeu! gritou Martim levantando-se arrebatado, e com as bochechas mais vermelhas, que malaguetas—O que valem todos os açores ao pé do meu alão mimoso? Não ha raposa, que fareje, que não siga até a encovar, nem véado, por muito leve, que não alcance na corrida. Fallais dos vossos amaldiçoados falcões? Já vos esqueceram aquelles dous mouros escravos, que por amor delles foram arder mais cedo no inferno, affogados no paul, onde os mandastes aprazar as garças?... Gulosos os meus lebreus? Mas tonto sou eu em me cançar com um velho doudo e rabugento, que por seus peccados nem é capaz de differençar o milhano do falcão!»

Ao grito de raiva, que Pero Voador soltou, recebendo em cheio esta suprema injuria, é que os serviçaes e os homens d'armas tinham acudido da casa immediata, aonde ceavam, e fazendo roda, com os dous antagonistas no meio, se conservaram disfructando o alegre espectáculo de os ver depenhar como dous gallos bellicosos.

As palavras pucham as palavras, diz o adagio, e o falcoeiro possuia uma lingua tão comprida como o corpo. De replicas em treplicas, de doesto em vituperio, os dous chegaram ás ultimas affrontas.

Medindo depois de curta pausa a figura obesa de mestre, Pero Voador desafogou a raiva, exclamando:

— «Sete pragas te trespassem! Bem fallam os que te chamam filho de judeu. Não pode ser outro o sangue, ou antes o vinho d'essas veias.»

Mestre Martinho ficou primeiro petrificado de indignação e pasmo; e a gargalhada compacta, com que o auditorio acolheu a injuria, acabou de o exasperar. Levando a mão ao punho da gomia, ou faca mourisca, que lhe pendia ao lado, e soltando um rugido, ia investir com o seu emulo, quando lhe atalhou as furias uma voz forte e sonora, e lhe suspendeu o impeto um braço robusto que o obrigou a estacar.

Voltou-se, e achou-se cara o cara com o famoso armeiro, mestre Pero Britador.

Diante da poderosa intervenção armada desta potencia recém-chegada ao theatro da guerra o admirador dos galgos percebeu, que seria mais do que arriscado atear.

Esmoreceram-lhe logo os brios, e abaixou a cabeça, em quanto o esforçado Vulcano de Coimbra lhe dizia com o seu desassombro costumado:

— «Vamos, vamos! Parai n'essa ruim contenda. Não querem ver dous christãos a matarem-se por

causa d'um sabujo! Mestre Martim Lebreu é meter já na bainha essa gomia, ou comigo vos havereis. Bem sabeis que o meu cutello entra mais pelo corpo dentro, do que a vossa fome pelas viandas do Ovençal, onde faz mais estrago uma boca só, que Deus vos deu, do que toda essa matilha de Belzebuts...»

Pero Britador contava mais trinta e cinco annos depois que o vimos despedir a pontapés a reverenda e robusta pessoa de Fr. Muninho pelas escadas da torre do castello de Santa Olaia; mas na rijeza das forças, e na expressão da physionomia era ainda o mesmo.

A indole tambem não mudára. Sempre inquieto, sempre arrojado, e capaz de servir os amigos á custa dos maiores sacrificios, não perdoava aos inimigos, embora houvesse de affrontar os mais arriscados perigos.

O monteiro de Cham conhecia-o de longa mão, e por mais raivoso, que estivesse, percebeu que seria verdadeira loucura o insistir na sua desforra, contra mestre Voador, que á sombra do vigoroso cyclope, cobrava novos alentos, e affiava a lingua para segundar com outra edicção correctá e augmentada de injurias.

Mas o armeiro com um gesto refreou-lhe a eloquencia, e apontando-lhe para a saída, convidou-o assim a despejar o aposento, acalmado pela ausencia os pretextos da discordia.

Assim que elle desapareceu, Martim Lebreu, sacudindo a mão callosa de mestre Pero, exclamou:

— « Bem vindo! Não vos sabia por cá. Agora mesmo vos fazia por Coimbra...»

« De certo! E se não fosse ter de levar dous bons capellos e um arnez ao conde de Urgel ainda lá me tinheis. Quem quer que o lume arda, mette-lhe lenha.»

— « Mau tempo para jornadas?! » perguntou o falcoeiro, cabeceando gravemente, e assoprando nos dedos com um gesto prenhe de reconditos misterios.

— Nem por isso; quando nos trazem as pernas d'outro! » redarguiu o seu interlocutor, sorrindo. O peor era a aljaveira que sahio de Coimbra magra e esfaimada, e que volta gorda como leitão de dous mezes.»

E abrindo a capa indicou um dobral, que parecia bem recheado.

— « Mas pelo seguro sempre essa malha sobre o saio, e ao lado o temperado ferro do vosso cutello? acudio o outro. Fazeis bem. Amigos taes nunca se deixam.—Vamos, não comereis um bocado, e não bebereis uma vez de vinho? São horas de ceia e de dormir.»

— « Não direi que não; mas antes chamai um pagem para levar recado a D. Rui Viegas, de que Pero Britador de Coimbra traz recado de valia para sua mercê, se lh'o quer ouvir.»

— « Seja como mandais » concluiu o falcoeiro, satisfazendo aos desejos do armeiro, e arrastando-lhe o escanho para ao pé da meza.

D'ahi a poucos momentos, Martim Lebreu começava a segundã ceia com tanto, ou mais appetite, do que a primeira, e era dignamente coadjuvado na tarefa gastronomica pela voracidade do vulcano de Coimbra. Os dous arcades não tinham que invejar um ao outro.

Possuiam dous estomagos de avestruz.

(Continúa.)